

"TODO DIA, ASSIM"

Autor: Nádia Mangini

PERSONAGENS

Ele

Ela - voz gravada

Todo dia, assim:

Acorda; vai para o banheiro; se olha no espelho; escova os dentes; toma banho; se enrola na toalha; volta pro quarto; abre a cortina; me olha dormindo; senta na cama; passa a mão nos meus cabelos "Bom dia, amor", ela diz; levanta-se; escolhe a roupa; passa creme no corpo; veste a roupa; vai pro banheiro; coloca a maquiagem; volta pro quarto; me olha; senta na cama; se inclina até mim "estou lá embaixo te esperando", ela diz; beija minha testa; sai do quarto; desce as escadas; vai para a cozinha e grita "vou fazer panquecas, amor. Vem logo!"

Estou de frente pra porta do armário dela. Conto os segundos pra poder estar ali sozinho, mais uma vez.

Ela me chama, mais uma vez, lá de baixo. Ela me espera em pé na beirada da mesa, com os ovos mexidos prontos. Meu prato, talheres e uma xícara de café quente posicionados junto à cadeira. Ela me vê, sorri e senta na cadeira perto à minha.

Ela fala do que fará mais tarde em seu trabalho. Ela conta as histórias mais mirabolantes e, mais uma vez, me olha e diz que me ama.

Me beija. Um beijo molhado e gelado de suco de laranja. Ela se levanta, levando seu copo para a pia. O telefone toca e ela olha no relógio. Está atrasada. Me dá um beijo rápido e sai.

Me vejo sozinho naquela cozinha grande.

Vou para o escritório. Escrevo coisas banais. Leio textos antigos. Trabalho de todos os dias.

Quando percebo que não prosseguirei. Levanto-me. Vou até o quarto. Sento em frente à porta do armário dela. Levanto. Abro a porta.

Atrás da porta, cores, cortes, vestidos, blusas, calças, saias, sapatos, sandálias, perfumes, maquiagens, brincos, anéis, pulseiras. Infinitude de infinitudes. Esse é sempre o melhor momento do meu dia.

Todos os dias, entre um vestido e outro, me encontro dentro do meu próprio corpo. Observo o caimento. Meto meus pés nos delicados sapatos dela. Nossa diferença ali se impõe. Penso que perco minha suavidade estrangulado pelo continente 36. O número dela. Escolho com cuidado cada cor, cada perfume, cada batom. Me olho no espelho e vejo aquilo que me falta

todos os dias. Agora me sinto completo. Até que, o relógio bate as 18h e eu preciso me trocar. Tomar banho, guardar tudo em seu devido lugar, colocar uma camisa branca de algodão, uma calça de moletom cinza e as sandálias havaianas. Sentimento de aprisionamento que dura toda a noite, todos os dias, e que vai embora na tarde seguinte, quando começa tudo outra vez.

- O que é isso?

- Não é nada.

- Nada?

- Nada.

- Porque eu chego em casa e me deparo com você usando o meu vestido? Com o meu salto alto? Com a minha maquiagem? O que é isso? Algum tipo de pesquisa para um dos seus textos?

Silêncio.

- Fala alguma coisa!

- O que você quer que eu diga?

Silêncio.

Enquanto tiro o vestido, passo um lenço demaquilante no rosto, ela me olha como se eu fosse uma aberração. Ela chora. Eu choro.

Ela está sentada à beira da cama. Eu me coloco de joelhos à frente dela. Limpo suas lágrimas enquanto deixo as minhas escorrerem.

- Eu te amo. Não sou gay. Eu só me sinto confortável nessas roupas. Desde criança eu ansiava pelo dia em que ganharia um vestido rosa com um grande laço nas costas. Todo natal, a mesma esperança. A esperança de que Papai Noel lesse minhas cartinhas e atendesse ao meu pedido. Meu único pedido de todos os anos. Mas, a cada ano que passava eu perdia um pouca a esperança na realização desse sonho. Até que eu entendi que eu poderia usar os vestidos das minhas irmãs, sem que elas ou os meus pais soubessem. E foi o que eu fiz e faço. Por toda a minha vida, esses são os momentos mais felizes. É quando eu me sinto completo. Eu não saberia explicar porquê. Esse sou eu. Continuo sendo o mesmo jovem escritor que você conheceu na faculdade. Não me deixe. Eu

não saberia viver sem você. Eu não saberia o que fazer. Eu não sou ninguém sem você.

- Sem mim ou sem os meus vestidos?

Silêncio.

- Não precisa se justificar mais. Eu vejo que não é feliz.

- Eu sou feliz.

- É mesmo?

- Sou.

- Então por que eu não te vejo sorrir? Por que, em todas as manhãs, você se levanta quase obrigado da cama? Por que a gente não conversa?

- A gente conversa.

- O que você chama de conversa eu chamo de monólogo. Sim, porque só eu falo. Você, no máximo, balança a cabeça concordando.

- Eu te amo.

- Eu não duvido.

- Então?

- O quê?

- Você vai me deixar mesmo sabendo que eu te amo?

- Eu não vou te deixar.

- Não?

- Não.

Silêncio.

- Eu achei que você estava deprimido.

Silêncio.

- Eu acho que você está deprimido.

Silêncio.

- Eu acho melhor você se consultar com um psicanalista.

- Eu não sou maluco.

- Eu não disse isso.

- Então, porque ir a um psicanalista?

- Para refletir. Você não percebe?

- Não.

- Não somos mais felizes. Eu vivo tentando entender o que você pensa e você vive tentando esconder o que pensa. Se você não pode se abrir para mim, você precisa se abrir para alguém.

- Eu me abri para você.

- Porque eu o encontrei...vestido...

Silêncio.

(O telefone toca)

Abro os olhos, atendo o telefone. "Estou chegando em casa, amor. Estou levando sua comida preferida. Preciso desligar, o sinal abriu. Até daqui a pouco. Te amo", ela diz.